

Os Adventistas e o Ambiente

Harwood A. Lockton

As questões relacionadas com o ambiente fazem agora parte da consciência pública. Deveriam os adventistas estar “vendo verde,” ou é isto um modismo cultural dos anos 90? Existe algo na tradição Adventista do Sétimo Dia que seja “verde”? Seriam as questões ecológicas preocupações exclusivas dos seguidores do movimento da Nova Era?

Em um trabalho freqüentemente citado, Lynn White argumenta que o cristianismo é responsável pelos problemas ecológicos do mundo. Para remediar esta situação, o cristianismo deveria, ou ser significativamente alterado, adotando atitudes em relação à natureza semelhantes àquelas mantidas por São Francisco de Assis, ou ele deveria abandonar seu lugar em favor do zen-budismo. O problema, como visto por White, é que o cristianismo “não apenas estabeleceu um dualismo entre o homem e a natureza, mas também insiste que é vontade de Deus que o homem explore a natureza para os seus próprios fins.”¹

Apesar de várias refutações nos últimos 25 anos, vindas tanto de cristãos² como de não-cristãos, esta antipatia ao cristianismo é amplamente mantida pelo movimento ambientalista e ajuda a explicar a prontidão do movimento em aceitar as idéias panteísticas da Nova Era.

Uma Visão Bíblica

Apróva a Bíblia uma atitude predatória em relação ao ambiente? Podemos nós elaborar uma ética bíblica do ambiente? Referência aos principais eventos da História da Salvação — a Criação, A Queda, a Redenção e a escatologia — bem como o sábado, nos ajudam a responder estas questões.

A Criação. “O cristianismo e as idéias que estão por trás dele formam uma filosofia da Criação. Tal filosofia

preocupa-se com o Criador, com as coisas que Ele criou, seu relacionamento com Ele e entre elas mesmas.”³ Contudo, os adventistas têm manifestado a tendência de se preocupar mais com o *processo* da Criação do que com o seu *significado*.

Gênesis 1 torna claro que o mundo é propriedade de Deus. Gênesis 1:26-28 demonstra que Adão e Eva viviam em relacionamento tríplice: com Deus (feitos à Sua imagem), com outros (“frutificai e multiplicai-vos”) e com o mundo (“governai,” “sujeitai”).⁴

O problema emerge com as noções de governar (*dominar*, na tradução de João Ferreira de Almeida) e sujeitar. O argumento de Lynn White focaliza o uso deste texto. “Frutificai e multiplicai-vos” é a ordem dada a todas as criaturas, mas apenas aos humanos é ordenado sujeitar e dominar. A versão (tanto a inglesa como a portuguesa), das palavras hebraicas (*radah* e *kabash*) é mais suave do que o original hebraico. *Radah* significa “calcar, esmagar,” como em calcar uvas em um lagar. *Kabash* comunica a imagem de um conquistador colocando seu pé no pescoço do vencido.⁵

Mas o contexto desta afirmação é importante. Imediatamente precedendo-a está a declaração acerca dos

seres humanos feitos à imagem de Deus (Gênesis 1:26, 27). Sem esta imagem, os seres humanos não podem exercer seu domínio corretamente. Hall argumenta que o termo “imagem de Deus” deveria ser lido como um verbo.⁶ As pessoas são chamadas para “imagear” ou copiar Deus em todos os seus relacionamentos, incluindo o relacionamento ecológico. Imediatamente seguindo a afirmação, uma restrição implícita é colocada nesta autoridade de domínio (Gênesis 1:29, 30): a alimentação cárnea não é permitida.

Igualmente importante é Gênesis 2:15, onde Adão e Eva são colocados no jardim para o trabalhar e o guardar. O termo hebraico *abad* (“trabalhar”) significa servir em sentido de um servo ou escravo. A outra palavra, *shamar* (“guardar”) significa proteger, preservar. Wilkinson observa que ambas as palavras implicam ação feita para o benefício do objeto (isto é, a terra), e não primordialmente para o benefício daquele que pratica a ação.⁷ A ordem de Gênesis 2 limita grandemente o poder implícito em Gênesis 1.

Dois grupos de idéias aparecem em tensão em Gênesis 1 e 2. De um lado, a humanidade é criada à imagem de Deus e portanto é colocada separada da natureza. Somos chamados para servir a natureza, demonstrar beneficência à ela, da mesma forma como Deus nos abençoou. Por outro lado, somos criaturas, e por isso somos parte da natureza e devemos governá-la para sobreviver. Contudo, devemos lembrar o governo de Deus sobre nós. Como Stott enfatiza: “Nós combinamos a dependência em Deus com o domínio sobre a terra.”⁸ Mas, as pessoas se esquecem que dependem de Deus, e por isto a terra tem sofrido nas mãos dos seres humanos.

A Queda. Os três relacionamentos interligados,



com Deus, com outros e com a natureza foram violentamente interrompidos por ocasião da Queda. A humanidade desobedeceu a Deus (Gênesis 3:1-7) e conseqüentemente experimentou distância espiritual dEle (Gênesis 3:8-10). Adão acusou Eva, gerando assim desarmonia social (Gênesis 3:11-16). O relacionamento ecológico com a natureza foi também fraturado (Gênesis 3:17-19). Toda a criação sofreu as conseqüências da Queda (Romanos 8:19-22). Os efeitos não se limitaram à esfera espiritual. A quebra do relacionamento espiritual, de fato, desorganizou o relacionamento social e o ecológico. A beneficência e obediência que fluíam através da ordem criada foram substituídos por desobediência e a resultante maldição. Havia agora uma fundamental fraqueza na natureza humana. Esta é a raiz da condição atual do ambiente da humanidade: a natureza da natureza humana, não a ordem divina.

A Redenção. Redenção é a renovação da caída imagem de Deus na humanidade, através de Cristo (Romanos 8:29,30; 2 Coríntios 3:18). Esta renovação envolve os mesmos três relacionamentos estabelecidos na Criação. Estes relacionamentos são integrais: como nosso relacionamento com Deus é restaurado, assim também o nosso relacionamento com outros e com o nosso ambiente. As pessoas redimidas devem aspirar a serem bons mordomos da terra que pertence a Deus.

Escatologia. Uma vez que os cristãos esperam o breve retorno de Cristo para o estabelecimento de uma nova ordem na terra renovada, por que deveriam eles se preocupar com o ambiente desta terra? Podemos comparar este cuidado com o cuidado que prestamos ao nosso corpo, mesmo sabendo que na ressurreição ele será substituído. As ordens de Deus para que cuidemos do nosso corpo e do ambiente não podem ser anuladas pelo conhecimento do futuro retorno de Cristo. De fato, Deus destruirá aqueles que destroem a terra (Apocalipse 11:18).

As três mensagens angélicas

de Apocalipse 14 são centrais na escatologia adventista. Pilmour sugere que elas estão ligadas aos mesmos três relacionamentos apresentados na narrativa da Criação, embora em seqüência inversa.⁹ A primeira mensagem diz: "Adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas" (Apocalipse 14:7). Como adoramos o Criador? Certamente não é adorando Sua criação, o que seria panteísmo, nem tampouco destruindo-a. Como adventistas do sétimo dia, que enfatizam tanto o registro da Criação como o Apocalipse, deveríamos ser os "mais verdes" dos cristãos.

O Sábado. O sábado é outro fundamento da fé adventista, apesar de que freqüentemente têm sido os não-adventistas que tenham visto sua relevância para o debate sobre o ambiente. Primeiro, o sábado é o memorial da Criação (Êxodo 20:11). É um dia para lembrar do Criador e refletir acerca de Suas obras, e não acerca das nossas. Segundo, o sábado é dia de repouso, não apenas para a humanidade, mas também para a criação (Êxodo 20:10, 11). Deve ser um dia de recriação e não um dia de "folga" ou recreação.

O ano sabático era uma extensão do

sábado semanal. Era permitido que a terra descansasse a cada sete anos (Êxodo 23:10, 11; Levíticos 25:1-7). O princípio sabático envolve um período de repouso e regeneração. Isto contrasta com a ascendente curva exponencial de crescimento, tão apreciada por economistas e políticos. O sábado conclama uma contenção tanto da produção como do consumo. Ergue-se como obstáculo ao materialismo selvagem e a conseqüente degradação do ambiente.

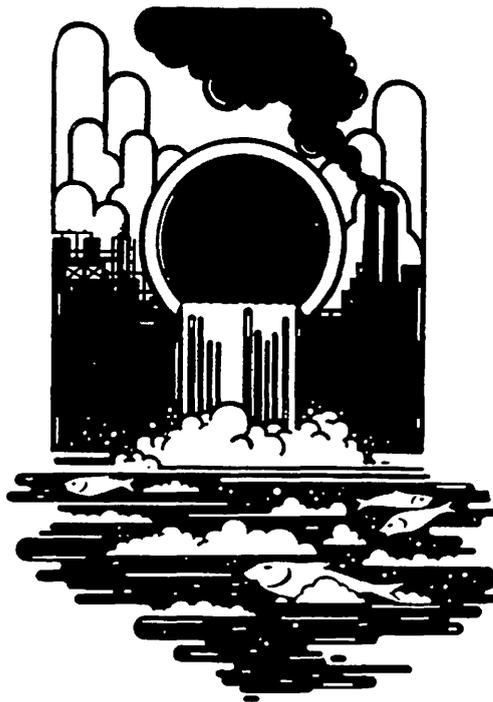
Esta terra pertence a Deus, dada à humanidade em custódia, não em posse. Somos despenseiros e mordomos. Não somos nem proprietários que podem explorar, nem curadores de um museu que escondem seus tesouros.

As Filosofias "Verdes" Contemporâneas

Enquanto alguns adventistas podem incorrer no perigo de não serem responsáveis com a criação, outros podem inconscientemente manifestar tal responsabilidade a ponto de aceitar alguns dos indesejáveis aspectos das filosofias "verdes."

Em reação aos excessos ambientalistas sustentados pelo naturalismo, uma visão do mundo que assume que não existe Deus e que todas as coisas podem ser explicadas em termos de processos naturais, muitos "verdes" têm adotado uma visão panteística do mundo. O panteísmo mantém que tudo é Deus. Não há distinção entre Deus, humanidade, ou natureza.¹⁰ Wilkinson argumenta que na contemporânea América do Norte a real alternativa para o cristianismo não é mais o humanismo secular, mas sim a espiritualidade eclética que abrange o movimento da Nova Era e o panteísmo.¹¹

O panteísmo tem sido prontamente aceito na filosofia "verde," porque ele não faz uma dicotomia entre as pessoas e o resto do mundo natural. A natureza deve ser protegida e preservada porque Deus está nela, como parte



dela. Mas o panteísmo não permite um lugar especial para a humanidade. O registro bíblico, contudo, torna claro que a humanidade foi criada à imagem de Deus e foi criada apenas um pouco menor que os anjos (Salmos 8:5). Schaefer indica que o panteísmo não eleva a natureza ao nível da humanidade, mas reduz os humanos ao nível da natureza.¹²

As noções panteístas e das religiões orientais estão penetrando alguns conceitos cristãos acerca do ambiente. Sean McDonagh, elaborando sobre o panteísmo místico do catolicismo medieval, vê o hinduísmo, budismo e religiões tribais como enriquecendo a compreensão cristã do nosso relacionamento com a natureza.¹³ Embora possamos aplaudir sua preocupação em "cuidar da terra," seu uso destas idéias não-cristãs é confuso e não-bíblico.

O pensamento da Nova Era é um movimento correlato. É uma eclética coleção de conceitos e filosofias, muitos dos quais derivados das religiões orientais, do ocultismo, e da ciência. Essencialmente, ele é monístico, não estabelecendo nenhuma distinção entre Deus, pessoas e a natureza. Conseqüentemente nós somos Deus. Mas, como Cooper observa: "Os cristãos aspiram co-

munhão, não união com Deus."¹⁴ Infelizmente, alguns cristãos fundamentalistas têm rejeitado todas as noções da responsabilidade ambiental, as quais eles vêem como parte da conspiração da Nova Era, para estabelecer o governo satânico no mundo.¹⁵

Outra noção relacionada é a Gaia, vista por alguns ambientalistas como uma alternativa secular, não-religiosa, para o humanismo. Lovelock e Margulis argumentam que a terra é um organismo vivo que regula a si mesmo e a toda forma de vida sobre ele. Então, a idéia de Deus como sustentador de Sua criação é redundante. A aceitação desta idéia, chamada "hipótese de Gaia," nome derivado da deusa grega da terra, tem ocorrido tanto no movimento Nova Era como em círculos científicos,¹⁶ levando Cooper a chamar tal conceito de "paganismo científico."¹⁷

A ecologia profunda é baseada na premissa da igualdade biocêntrica, isto é, que todas as formas vivas têm o mesmo direito de existir, incluindo animais, insetos, rios, e o ecossistema. Logicamente, isto inclui as plantas... embora mesmo ecologistas comprometidos têm que comer! Como no panteísmo, parece que tal noção coloca valor maior na vida não humana do que na vida humana, e tende ser indiferente

ao sofrimento humano.

Os cristãos necessitam se conduzir com cautela entre as opções do humanismo e panteísmo. Devemos ser "verdes" no sentido de cuidar da criação de Deus, mas devemos também cuidadosamente avaliar as filosofias "verdes" contemporâneas e rejeitar conceitos que não sejam bíblicos. Como cristãos, devemos claramente articular e *praticar* nossa preocupação "verde," de tal forma que aqueles que se encontram desiludidos com o humanismo secular possam ver o cristianismo como alternativa válida e coerente para a resposta do movimento da Nova Era quanto ao ambiente.

No nível pessoal, a Bíblia requer que sejamos bons mordomos da criação de Deus. Se nós seguirmos suas orientações para a vida aqui nesta terra, Deus, com prazer, nos confiará o cuidado da Nova Terra.

NOTAS

1. Lynn White, "The Historical Roots of Our Ecologic Crisis," *Science* 155 (1967), pág. 1205.

2. Ver, por exemplo, R. H. Ayers, "Christian Realism and Environmental Ethics" em E. C. Hargrove (ed.), *Religion and Environmental Crisis* (Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1986), págs. 154-171; e Tom Cooper, *Green Christianity* (London: Hodder & Stoughton, 1990), págs. 36, 37.

3. Clarence Glacken, *Traces on the Rhodian Shore: Nature and Culture in Western Thought from Ancient Times to the End of the Eighteenth Century* (Berkeley: University of California Press, 1967).

4. Todas as referências bíblicas em inglês são da New International Version, a menos que indicado diferente no texto.

5. Loren Wilkinson (ed.), *Earth-keeping: Christian Stewardship of Natural Resources* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1980), pág. 209.

6. D. J. Hall, *Imaging God: Dominion as Stewardship* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1986).

7. Wilkinson, *op. cit.*, pág. 209.

8. John Stott, *Issues Facing Christians Today*, 2a. ed. (London: Marshall Pickering, 1990), pág. 26.

9. Victor Pilmour, "Green Piece: God, Man and Nature: Three-Dimensional Imagery," *Meridian* (1990), págs. 11-13.

10. Ver Humberto M. Rasi, "Batalhando em Duas Frentes: A Resposta Adventista ao Secularismo e Neopanteísmo," *Diálogo* 3:1 (1991), págs. 4-7, 22, 23.

11. Loren Wilkinson, "New Age, New Consciousness, and the New Creation."

Continua na página 34

Que Posso Eu Fazer?

Como cristãos, necessitamos entender como nossas ações afetam o ambiente. Algumas das questões são consideravelmente complexas, enquanto que outras são mais simples e fáceis de serem aplicadas. Aqui estão algumas sugestões:

♣ **Adote um estilo de vida simples.** Lembre-se que tudo o que você compra eventualmente transforma-se em lixo. Não compre produtos com excessiva embalagem. Reuse tanto quanto possível. Conserte itens quebrados, em lugar de jogá-los fora. Venda ou faça doação de itens que você não precise mais usar. Caminhe, ou ande de bicicleta, em vez de usar o carro. Você não apenas estará se exercitando mas também mantendo o ar mais limpo.

♣ **Aprenda a economizar água.** Por exemplo, feche a torneira quando você está escovando os dentes; tome banhos mais rápidos; use restos de água para molhar as plantas; tenha um jarro de água na geladeira em vez de deixar a água correr na torneira para esfriar cada vez que você deseja beber água.

♣ **Separe um dia para coleta de lixo.** Selecione, como projeto de um grupo de limpeza, uma área de sua faculdade ou campus universitário, a vizinhança de sua igreja, um parque comunitário das proximidades, uma praia, ou um trecho de uma avenida.

♣ **Plante uma árvore.** As árvores, na fotossíntese, usam dióxido de carbono e água para produzir glicose e oxigênio. Uma árvore pode remover cerca de 24 quilos de dióxido de carbono do ar, cada ano. Uma árvore de tronco plenamente desenvolvido provê oxigênio suficiente para uma família de quatro pessoas.

Procure em sua biblioteca publicações com idéias práticas para a proteção do ambiente na área em que você vive. Dois pequenos livros publicados por EarthWorks Group (1400 Shattuck Ave., No. 25; Berkeley, CA 94703; E.U.A.) são úteis; *50 Simple Things You Can Do to Save the Earth* (1989), e *The Next Step: 50 More Things You Can Do to Save the Earth* (1991).

Os Adventistas e o Ambiente Continuação da página 7

em W. Granber-Michaelson (ed.), *Tending the Garden: Essays on the Gospel and the Earth* (Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1987), pág. 10.

12. Francis Schaefer, *Polution and the Death of Man* (London: Hodder & Stoughton, 1970), pág. 26.

13. Sean McDonagh, *To Care for the Earth* (Quezon City, Phillipines: Clarendon Publications, 1986); ver também Thomas Berry, *The Dream of the Earth* (San Francisco: Sierra Club Books, 1988).

14. Cooper, *op. cit.*, pág. 118.

15. Ver Constance Cumbey, *The Hidden Dangers of the Rainbow: The New Age Movement and Our Coming Age of Barbarism* (Shreveport, Louisiana: Huntingdon House, 1983); e Dave Hunt, *Peace, Prosperity and the Coming Holocaust: The New Age Movement in Prophecy* (Eugene, Oregon: Harvest House, 1983).

16. Ver, por exemplo, Norman Myers (ed.), *The Gaia Atlas of Planet Management* (London e Sydney: Pan Books, 1985).

17. Cooper, *op. cit.*, pág. 151.

Harwood A. Lockton ensina geografia e serve como diretor do Departamento de Humanidades no Avondale College, em Cooranbong, N.S.W., Austrália.

Cuidando da Criação A Declaração dos Adventistas do Sétimo Dia Acerca do Ambiente

O mundo no qual vivemos é um dom de amor do Deus criador, d'Aquele "que fez os céus, e a terra, e o mar e as fontes das águas" (Apocalipse 14:7; 11:17, 18). Dentro desta criação Ele colocou os seres humanos, colocados intencionalmente em relacionamento com Ele, outras pessoas e o mundo ao redor. Portanto, como adventistas do sétimo dia, nós mantemos que sua preservação e cuidado estão intimamente relacionados com o nosso serviço a Ele.

Deus estabeleceu o sábado, o sétimo dia da semana, como um memorial e permanente lembrança do Seu ato criativo e do estabelecimento do mundo. Ao repousar neste dia, os adventistas do sétimo dia reafirmam o sentido especial de relacionamento com o Criador e Sua Criação. A observância do sábado apóia a importância de nossa integração com o ambiente.

A decisão humana de desobedecer a Deus quebrou a ordem original da Criação, resultando em uma desarmonia alheia aos Seus propósitos. Assim o ar e as águas foram poluídos, florestas e vida selvagem espoliados, e os recursos naturais explorados. Porque reconhecemos os humanos como parte da criação de Deus, nossa preocupação com o ambiente estende-se à saúde pessoal e ao estilo de vida. Advogamos uma maneira de viver saudável e rejeitamos o uso de substâncias tais como o tabaco, o álcool, e outras drogas que prejudicam o corpo e consomem os recursos da terra; e promovemos uma simples dieta vegetariana.

Os Adventistas do Sétimo Dia estão comprometidos com um relacionamento respeitoso e cooperativo entre todas as pessoas, reconhecendo nossa origem comum e percebendo nossa dignidade humana como um dom do Criador. Desde que a pobreza humana e a degradação do ambiente estão inter-relacionadas, nós nos empenhamos em melhorar a qualidade de vida de todas as pessoas. Nosso alvo é o desenvolvimento equilibrado dos recursos, enquanto as necessidades humanas são satisfeitas.

O progresso genuíno em relação ao nosso ambiente natural repousa sobre esforços pessoais e cooperativos. Aceitamos o desafio de trabalhar com o propósito de restaurar o total desígnio de Deus. Movidos pela fé em Deus, nós nos comprometemos a promover a cura que surge, tanto no nível pessoal como no ambiental, de vidas integradas no serviço de Deus e da humanidade.

Neste compromisso nós afirmamos nossa mordomia da criação de Deus e cremos que total restauração será completa apenas quando Deus fizer novas todas as coisas.

* Esta declaração foi adotada em outubro de 1992 pelos delegados que assistiram ao Concílio Anual da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Pontius' Puddle

